

Análise: Pandemia abala e reforça conexões globais

Diante das incertezas causadas pela Covid-19, há duas conclusões: nenhum país sairá da crise igual ao que era antes nem é possível chegar a soluções isoladas

Entrevista com Cláudio Frischtak

28/03/2021, O Globo

Diante de todas as incertezas causadas pela Covid-19, duas conclusões podem ser tiradas: nenhum país sairá dessa crise da mesma forma que entrou nem vivemos isolados. Repetida diversas vezes no último ano para explicar a relação entre convívio social e o novo coronavírus, a máxima de que “nenhum homem é uma ilha” teve seu significado ampliado na geopolítica. Mesmo a nação que seguiu à risca a cartilha para prevenir o contágio está sujeita a novos surtos vindos de países vizinhos que não tiveram tanto sucesso no controle da pandemia.

No período de 15 meses desde que os primeiros casos foram descobertos, aprendemos mais sobre o vírus e, com a vacinação, vivemos uma nova fase da crise sanitária. Hoje, enfrentamos novos desafios: da implementação da imunização em massa à distribuição igualitária das vacinas. Porém, os dilemas antigos, ainda do início da pandemia, permanecem: como adotar as medidas de contenção e quando flexibilizá-las? A recente reimposição de restrições em alguns países da Europa mostra que essa etapa não foi superada.

Mesmo que o imunizante nos indique o caminho para o fim da crise, o trajeto será longo. O Chile é um bom exemplo. Sendo o país da América Latina que mais avançou na vacinação, com 33% da população inoculada com a primeira dose, um relaxamento precoce das medidas restritivas ocasionou um novo pico de casos da Covid-19 neste mês.

Os efeitos são sentidos na dificuldade de recuperação da economia global e no aumento da desigualdade. Para o economista **Claudio Frischtak**, conselheiro do **Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri)**, o mundo sairá mais pobre dessa crise, com impactos fortes no mercado de trabalho, em particular nos setores informais e mais frágeis, e na educação, dada a dificuldade de acesso ao ensino à distância da parcela mais vulnerável da população. Isso causa cicatrizes, afirma ele, que impedem que a retomada econômica seja instantânea.

— Diria que teremos uma quase normalidade em 2023. Há um caminho longo a percorrer. O primeiro em direção à normalidade sanitária, para depois voltar à normalidade econômica — afirma o economista, que pondera: — Essa não é exatamente uma projeção nem uma estimativa, é mais um entendimento que temos do futuro.

Tais consequências afetarão ainda mais países de baixa renda, que, no fim da corrida pela vacina, ainda não conseguiram começar a imunização ou a fazem a passos lentos. Até aqueles que estavam indo bem no combate à pandemia sairão prejudicados. Com uma população de 30 milhões, Moçambique adotou uma resposta rígida à Covid-19 e manteve números relativamente baixos em comparação a outros países: foram 752 mortes e 66 mil casos confirmados da doença. Isso, porém, não é suficiente para escapar da crise.

— Apesar de todo o esforço, o país será impactado porque não está isolado. Precisa de recursos, de turismo, do comércio. E isso tudo foi afetado— afirma Frischtak.

Risco à saúde global

Há ainda os países que não controlaram a pandemia e estão longe de ter uma imunização em massa. Com o vírus circulando livremente, aumenta o risco do surgimento de novas variantes, que podem ser mais contagiosas e pôr em xeque a eficácia das vacinas existentes. Por causa disso, passam a representar um risco à saúde global.

— Se, além de não conseguir vacinar, o Brasil não adotar outras medidas de contenção da doença, pode se tornar um risco de saúde pública para o mundo, um grande celeiro de variantes, e os outros países podem interromper as relações conosco — diz a microbiologista Natalia Pasternak, presidente do Instituto Questão de Ciência (IQC).

Com a iminência de mutações que podem causar novos surtos, o mundo precisará adotar pelos próximos anos um esquema de vigilância constante para detectar essas variantes e avaliar a eficácia das vacinas contra elas. É possível, assim, afirmar que o fim da crise do coronavírus levará ainda alguns anos.

— A verdade é que esse período será de tentativa e erro. Ninguém que está vivo hoje e que está no poder passou por uma crise igual a essa, e não há uma resposta objetiva para o que se deve fazer — afirma o especialista em imigração Leonardo Freitas, CEO da consultoria internacional Hayman-Woodward.

Publicado originalmente em: <https://oglobo.globo.com/mundo/analise-pandemia-abala-reforca-conexoes-globais-24944121>